

XI SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA
ISSN: 2317-0018
Universidade Estadual de Maringá
13 a 14 de Abril de 2023

**DESLOCAMENTOS SOBRE O LUTO E A SUA PATOLOGIZAÇÃO: UMA
ANÁLISE DO DOCUMENTÁRIO “ELENA” (2012)**

Isabela Maria Pulga (Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá - Paraná, Brasil); Janaina Gazarini (Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá - Paraná, Brasil); Adriana Barin de Azevedo (Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá - Paraná, Brasil).

contato: isabelapulga1@gmail.com
jgazarini@gmail.com

Palavras-chave: Medicalização. Enlutado. Saúde mental. Psicologia.

INTRODUÇÃO

O filósofo brasileiro Renato Nogueira (2022) pontua que a morte de um ente querido é algo que, geralmente, desorganiza a subjetividade e a rotina do enlutado, afetando tanto sua vida privada quanto a sua vida pública. A perda de uma relação está ligada diretamente a fruição de emoções consideradas negativas.

Francisco Martins (1999) por meio de uma análise etimológica do termo *pathos* destacou que essa palavra é encontrada na base da filosofia grega, que influenciou todo o desenvolvimento do mundo moderno e, principalmente, da ciência. Atualmente o termo *pathos* assumiu o sentido principal de doença, mal-estar. Assim, partimos agora do sentido moderno conferido ao termo *Pathos*, que é, também, o radical da palavra patologização. Nos interessa especialmente o significado da palavra psicopatologização, que de acordo com autores Bocchi (2018) e Bezerra Jr. (2018), é a transformação de experiências inerentes à vida - aquelas responsáveis por nos afirmar enquanto seres humanos - em condições de desajuste da normatividade, ou seja, em doença. Nesse âmbito, Bezerra Jr. (2018) descreve a ideia de doença mental como um exercício constante de demarcação do que é a normalidade, daquilo que merece uma intervenção médica e daquilo ainda considerado como comum.

Esse trabalho buscou analisar os desdobramentos da psicopatologização do luto, caracterizando uma pesquisa qualitativa, exploratória, de cunho teórico-bibliográfico. O objetivo foi compreender a diferença da vivência do luto tomado como uma experiência vital e como experiência patológica, a partir do documentário Elena (2013), produzido por Petra Costa.

XI SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

13 a 14 de Abril de 2023

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória, de cunho teórico-bibliográfico. A metodologia consistiu em três etapas: primeiro, realizou-se um levantamento abrangendo artigos de periódicos nas bases *Scielo* e *Pepsic* acerca do tema escolhido; em seguida, desenvolveu-se uma discussão quanto a classificação do luto no Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5ª edição; e, por último, procurou-se compreender a diferença da vivência do luto tomado como uma experiência vital e como experiência patológica, a partir do documentário Elena (2013), produzido por Petra Costa.

DISCUSSÃO

Ao analisarmos o DSM-V com o luto como foco principal, encontramos apenas no final do manual uma nota de esclarecimento e de revogação do que foi estabelecido como luto doentio no DSM-IV. Assim, a APA expõe o luto como “[...] um estressor psicossocial grave” (American Psychiatric Association, 2013, p. 811), capaz de originar um episódio depressivo maior naqueles que já são, porventura, passíveis de desenvolver um transtorno. Entretanto, essa passividade vem no sentido de vulnerabilidade, incapacidade e fraqueza.

Ou seja, se um indivíduo já for propenso a ter algum tipo de transtorno mental, a perda de uma pessoa amada pode ser a causadora de um “[...] risco adicional para sofrimento, sentimentos de desvalia, ideação suicida, problemas de saúde e funcionamento interpessoal e laboral pior.” (American Psychiatric Association, 2013, p. 811).

Ademais, a Associação Americana de Psiquiatria retifica o tempo de duração do luto normal, antes caracterizado com um período generalista de 2 meses. Agora, o período de duração de um luto normal é de 1 a 2 anos. Assim, é após esse tempo máximo que o DSM-V considera o luto como uma doença, nomeada como Transtorno do Luto Complexo Persistente (American Psychiatric Association, 2013), sendo dividido em 5 critérios com 16 subdivisões de sintomas.

Escolhemos o documentário Elena (2012) como elemento disparador para a discussão do luto, considerando esse um processo inseparável da vivência humana, possuindo um caráter universal. Essa perspectiva a respeito do luto contrapõem-se à abordagem biomédica hegemônica na atualidade, que caracteriza o luto como uma patologia, de acordo com a sua duração temporal, na sociedade do desempenho. Essa obra cinematográfica nos possibilitou a

XI SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

13 a 14 de Abril de 2023

apresentação e discussão de alguns trajetos feitos por sujeitos enlutados, se desprendendo das amarras da patologia e medicalização: a ideia de um luto vivo, em movimento. Assim, para além da patologia, nos interessou descobrir o modo como a experiência do luto é apresentada na narrativa da diretora Petra Costa.

Elena (2012) é um documentário que está disponível na rede de *streaming* Netflix. Ele é dirigido pela brasileira Petra Costa, que se utiliza deste dispositivo artístico para retratar a vida e a morte de sua irmã. O documentário conta a história de Elena que, aos 17 anos, se muda para Nova Iorque, com o intuito de se tornar atriz de cinema e, aos 21 anos, se suicida, nesta mesma cidade. O enredo do filme foi construído em torno da vida de Elena e dos afetos produzidos por esta perda nas sobreviventes, a irmã, Petra, e a mãe, Marília.

Ao analisarmos o documentário partindo dos questionamentos de Despret (2011), é possível sugerir uma alternativa de deslocamento para os afetos produzidos que, a despeito de todo esforço para seu silenciamento, insistem em transbordar: a interlocução entre o enlutado e as memórias construídas em conjunto, tão presentes subjetivamente, parece ser uma alternativa no caminho para a elaboração do luto.

Para evitar o sugerido epistemicídio do morto, podemos considerar que os mortos são gente como os vivos, e ao invés de serem esquecidos e silenciados, podemos construir novas formas de proximidade com as suas histórias. Uma das formas encontradas por Petra foi produzir um documentário junto da sua irmã, Elena. Assim, podemos dizer que o documentário é partilhado pelas duas, por trazer imagens, gravações e narrações produzidas pela irmã que se foi.

Desse modo, encontramos no documentário uma saída da patologização do luto, já descrita por Despret (2021), por meio da evocação do morto, da experiência em ressignificar a vida sem desconsiderar os afetos tristes. Sentindo-os. Relembrando-os e retomando os encontros de maneira a manter vivo aquilo que já se foi. Tornando, assim, o trabalho do luto em “ [...] uma tentativa de perder os mortos sem abandoná-los, nosso último e permanente gesto de amor.” (RODRIGUES, 2021, p. 67)

A revisitação da trajetória de vida comum através das lembranças dos momentos de alegria partilhada e dos conflitos travados, ou da realização das questões importantes para o morto que foram deixadas a resolver devido a interrupção de sua vida e, conseqüentemente, seus planos, são deslocamentos comuns, que constituem um luto vivo, atuante, que deixa de ser

XI SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

13 a 14 de Abril de 2023

um caminho para o esquecimento, para ser uma revisitação de uma história conjunta. O enlutado é, então, o responsável pela permanência e a lembrança do morto no mundo dos vivos.

Reabrir a questão do luto consistiu, portanto, em visitar caminhos diversos, tão variados quanto as pessoas. Implicou, também, em repensar e sentir uma fundamental questão humana, que foi interdita, empobrecida e universalizada no decorrer da história, por meio de soluções pretensamente tranquilizadoras. Contudo, esse interdizer não conseguiu silenciar os nossos mortos.

O luto é um processo único e imprevisível quanto ao seu trajeto e potência. Ele é muito mais amplo que qualquer padrão etapista, constituindo um caminho tortuoso para a transmutação de lembranças e sentimentos, ditos e não ditos, feitos e, inevitavelmente, coisas que ficaram por fazer. O luto é um deslocamento complexo, irregular e surpreendente. Que fique claro: em relação ao sentir, não existe um certo ou errado, tampouco um prazo temporal recomendável para que se sinta tudo que há. O Luto é um trajeto de dores e ressignificações, que pertence ao enlutado e, inevitavelmente, a sua teia social. O imperativo da individualidade contemporânea não responde às questões por ele impostas.

Que seja dito e repetido: a dor da perda é atemporal. Ela não responde aos prazos e cronogramas universalizantes. Um paradoxo evidenciado no contexto do luto é que, quando interdita o acesso da tristeza a nossas vidas, ela assume um papel central, até ser encarada. Contudo, se aceitamos a chegada da tristeza, é comum que ela desvaneça mais brevemente. E, dessa maneira, esse afeto não fala mais por nós, e somos nós, então, quem nos apresentamos.

Para resgatar o lugar e a importância de viver, sentir toda a ambivalência e o sinuoso e imprevisível caminho, característico de cada encontro, que se transmuta em luto, para depois, implacavelmente metamorfosear-se em saudade, torna-se necessário renunciar a performatização da existência humana. Foi possível, durante essa trajetória, encontrar territórios em que a patologização do luto não é imperativa e podemos, assim, afirmar que o lugar da tristeza e do luto em nosso cotidiano é um ato revolucionário e de cuidado.

Nesse sentido, o cuidado de si e do outro é um instrumento radical. Dessa maneira, nos posicionamos neste território, recusando fórmulas interpretativas, diagnósticos e sugestões de manejo universalizados para serem aplicados às pessoas enlutadas. Viemos até aqui para abrir histórias que foram, precipitadamente, encerradas. Viemos aqui para ressuscitar nossos mortos, suas memórias e narrativas. Dar ouvidos a eles. Nós precisamos vir até aqui para afirmar a voz dos nossos mortos. Assim, as histórias precisam ser contadas e recontadas. Sentidas e re-

XI SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA
ISSN: 2317-0018
Universidade Estadual de Maringá
13 a 14 de Abril de 2023

sentidas. Através do desenrolar desse luto vivo, nós evocamos a necessária mudança de perspectiva sobre a vida, a morte; sobre a saúde mental, a doença e a loucura. Sobre o amor e a sua inerente necessidade de não calar as nossas tristezas.

Esperamos, assim, que cada enlutado possa encontrar “(...) *o regime pertinente no qual um enunciado, um ato, ou uma experiência, encontra o real, e torna-se verdadeiro.*”, alternativa de rota sugerida em Despret (2021). Finalizamos essa pesquisa na esperança de que os afetos sejam reivindicados pelos enlutados e, ainda, que a psicologia se torne fonte de acesso dessa reivindicação. Auxiliando e abrindo portas para uma terapêutica que possibilite o luto por toda a vida.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (2013). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5** (5a ed.; M. I. C. Nascimento, Trad.). Porto Alegre, RS: Artmed.

BEZERRA JR, B.; ZORZANELLI, R.; COSTA, J. F. **A criação de diagnósticos na psiquiatria contemporânea**. Editora Garamond, 2018.

BOCCHI, J. C. A psicopatologização da vida contemporânea: quem faz os diagnósticos? **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, v. 20, n. 1, p. 97-109, 2018.

DESPRET, V. **Acabando com o luto, pensando com os mortos**. Fractal: Revista de Psicologia [online]. 2011, v. 23, p. 73-82 Epub 10 Maio 2011. ISSN 1984-0292. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-02922011000100006>. Acesso em: 04 nov. 2022.

DESPRET, V. Pesquisar junto aos mortos. **Campos - Revista de Antropologia**, [S.l.], v. 22, n. 1, p. 289-307. ISSN 2317-6830. Disponível em: ><https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/80501><. Acesso em: 03 fev. 2023.

MARTINS, F. O que é *phatos*?. **Revista latinoamericana psicopatologia fundamental**. 1999. Vol. 2(4):62-80. DOI: 10.1590/1415-47141999004005

NOGUERA, R. **O que é o luto: Como os mitos e as filosofias entendem a morte e a dor da perda**. HarperCollins Brasil, 164 p., 2022.

RODRIGUES, C. A função do luto na filosofia política de Judith Butler. In: CORREIA, Adriano; HADDOCK-LOBO, Rafael; SILVA, Cíntia Vieira da (Orgs.). **Deleuze, desconstrução e alteridade**. São Paulo: Anpof, 2017a. v. 1, p. 329-340